

Presidente

Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima

GAZETA MERCANTIL

Sexta-feira, 7 de maio de 1993

DIRETORIA**Diretor-Presidente**

Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes

Henrique Alves de Araújo

José Andretto Filho

Roberto Müller Filho

Roberto de Souza Ayres

Página 4

Se a realidade cotidiana já é difícil, seu retrato, tal como aparece na imprensa e se reflete nos corações e mentes dos brasileiros, é ainda pior.

De fato, a vida não tem sido fácil nem compassiva para o nosso povo. A inflação, a miséria, a recessão, as chagas sociais que vão das favelas à insegurança nas ruas e os tremendos defeitos de nosso sistema político por certo induzem a uma justificada desesperança.

E não esperar é algo a que os brasileiros se acostumaram. O bom senso foi travestido na expectativa de encontrar hoje sempre algo pior do que ontem, e crer que amanhã será ainda pior.

Nossa imprensa reflete isso, às vezes de maneira patética. Violência, escândalos, gafes ministeriais e sobretudo presidenciais são o que é "lógico" noticiar, numa curiosa e sintomática apropriação do que seja o campo da lógica.

Assim, pegue-se um dia como foi a última quinta-feira, tradicionalmente marcada, no Brasil, pela compulsão às más noti-

cias. Noticiava-se que a indústria paulista em março cresceu 18,8% em relação a fevereiro e 32,5% comparada com março do ano passado. Com escasso destaque.

No dia seguinte foi aprovada a Lei de Patentes, um diploma de méritos discutíveis, pois não representa o ordenamento ideal para a questão da propriedade intelectual. Mas foi aprovada, e sobre seu conteúdo é possível negociar com os interlocutores do Brasil.

No mesmo dia o Banco Central promove grande leilão de Notas do Tesouro Nacional, com três datas diferentes de vencimento. Ao fazer isso, está criando as condições para, alongando períodos de resgate, encompridar o perfil da dívida e colaborar para a efetiva redução da taxa de juros.

Exemplos como esses começam a abundar, até mesmo pelo aspecto negativo de que vários deles se revestem. Existe ágio

Economia - Brasil Virar a página do pessimismo

nas vendas de carros zero quilômetro, é verdade. Assim como também é fato que a demanda aqueceu-se de forma intensa e inesperada, o que é, na essência, bom.

Qual a questão subjacente em todos esses exemplos? Talvez seja a de que, mesmo evitando o risco de cair no otimismo cândido, de fato precisamos virar a página. Este país, aparentemente ainda na ressaca do "impeachment", ainda aprendendo a conviver com a democracia, precisa sair do pessimismo para o realismo.

Nossos problemas de fato são muito grandes e não poderão ser resolvidos apenas com boa disposição. Mas também é fato que é melhor fazer sacrifícios com espírito forte do que travado, porque estes, os sacrifícios, nos serão impostos de qualquer maneira, como aliás tem acontecido rotineiramente.

Como temos muitas carências e deficiências, de um lado, e de outro, como já an-

damos substancialmente desde que emergimos da ditadura, vivemos uma espécie de purgatório. A queixa latente hoje no País é a de que a vida podia ser bem melhor do que é — enquanto a razão nos leva a reconhecer que em um sem-número de temas da agenda nacional (particularmente na área política) os avanços foram extraordinários.

Esse purgatório revela um bocado do caráter algo imaturo de nossa nação, de sua atração pelo velho maniqueísmo que tanto mal já nos fez no passado. Mas também é preciso reconhecer que, de alguma maneira, no nosso íntimo, aprendemos a conviver com o desconforto da conjuntura, ainda que sem conformismo diante dele.

Isso parece que não é importante, mas de fato é vital, pois revela as forças subterâneas, represadas, que haverão de nos impelir, num dia que almejamos próximo, para fora da crise. Por enquanto o que nossa geração aprendeu é que não pode confiar no quanto pior, melhor. Ela está, isso sim, atolada no quanto pior, pior. Mas tem tudo para empreender um novo começo.